

A escritora Anita Philipovsky: contribuições da literatura para a educação feminina nos Campos Gerais, PR

The writer Anita Philipovsky: contributions of literature to female education in Campos Gerais, PR

La escritora Anita Philipovsky: contribuciones de la literatura a la educación femenina en Campos Gerais, PR

Loraine Lopes de Oliveira - Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG | Departamento de Educação | Ponta Grossa | PR | Brasil. E-mail: loraine.oliveira@hotmail.com 

Vera Lucia Martiniak - Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG | Departamento de Educação | Ponta Grossa | PR | Brasil. Contato: veramartiniak07@yahoo.com.br 

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as condições materiais que favoreceram a projeção de Anita Philipovsky no campo da literatura. A poetisa pontagrossense fez parte do grupo das escritoras pioneiras no Paraná, publicou seus textos de forma notória no período de 1910 a 1930. Estes, defendiam a ampliação das possibilidades de ensino para as mulheres, na medida em que estas, deveriam ter acesso a outros cursos, além da formação para o magistério. Por sua atuação na sociedade em defesa da educação feminina, a poetisa pode ser compreendida como uma exceção entre as mulheres de seu tempo, na medida em que contrariou os padrões esperados de uma mulher da sociedade republicana: não se casou e não teve filhos. A trajetória intelectual da poetisa e a defesa da educação feminina são analisadas a partir da consulta em fontes primárias que permitem identificar fatores que contribuíram para sua projeção na sociedade, como o círculo social que frequentava, as condições materiais favoráveis para custear sua formação e a influência do pai na literatura.

Palavras-chave: Anita Philipovsky. Educação Feminina. Primeira República.

Abstract: This article aims to analyze the material conditions that favored Anita Philipovsky's projection in the field of literature. The Pontagrossense poetess was part of the group of pioneer writers in Paraná, published her texts in a notable way from 1910 to 1930. They defended the expansion of teaching possibilities for women, as they should have access to others. courses, in addition to teacher training. Because of her role in society in defense of female education, the poet can be understood as an exception among the women of her time, as she contradicted the standards expected of a woman from republican society: she did not marry and had no children. The intellectual trajectory of the poet and the defense of female education are analyzed from the consultation of primary sources that allow identifying factors that contributed to her projection in society, such as the social circle she attended, the favorable material conditions to fund her education and the influence of the father in the literature.

Keywords: Anita Philipovsky. Feminine education. First Republic.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar las condiciones materiales que favorecieron la proyección de Anita Philipovsky en el campo de la literatura. La poetisa Pontagrossense formó parte del grupo de escritores pioneros en Paraná, publicó sus textos de manera notable desde 1910 hasta 1930. Defendieron la expansión de las posibilidades de enseñanza para las mujeres, ya que deberían tener acceso a otros. cursos, además de la formación del profesorado. Debido a su papel en la sociedad en defensa de la educación femenina, la poeta puede entenderse como una excepción entre las mujeres de su tiempo, ya que contradecía los estándares que se esperaban de una mujer de la sociedad republicana: no se casó y no tuvo hijos. La trayectoria intelectual del poeta y la defensa de la educación femenina se analizan a partir de la consulta de fuentes primarias que permiten identificar factores que contribuyeron a su proyección en la sociedad, como el círculo social al que asistió, las condiciones materiales favorables para financiar su educación y la influencia. del padre en la literatura.

Palabras clave: Anita Philipovsky. Educación femenina. Primeira República.

• Recebido em 13 de setembro de 2018 • Aprovado em 05 de maio 2019 • e-ISSN: 2177-5796

DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2019v21n3p883-899>

Copyright © 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internaonal da CreativeCommons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devido créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Introdução

A poetisa pontagrossense Anita Philipovsky fez parte do grupo das escritoras pioneiras do Paraná, publicando seus textos de forma notória no período de 1910 a 1930. Seu poema mais divulgado é “Os poentes da minha terra”, publicado, pela primeira vez, em 1936, no periódico curitibano “Prata de Casa”. Segundo Santos (2002), “Os poentes da minha terra” e outros textos como “Miguelzinho” (n. 12), “Tapéra” (n. 10 e 11) e “Tibagy” (n. 5), publicados na revista *Ilustração Paranaense*, contribuíram para a propagação do Movimento Paranista.

Foi filiada ao Centro Cultural Euclides da Cunha (SANTOS, 2002) fundado em Ponta Grossa, em 1947, por Faris Antônio Salomão Michaelle. O referido centro “reunia intelectuais pontagrossenses que discutiam assuntos pertinentes à cultura e aos valores da sociedade. Desenvolviam a literatura, a ciência, as artes e buscavam uma troca de ideias com o resto do país e as Américas” (AUGSTEN; SILVA, 2008, p. 6).

Na Primeira República, período em que o ideal de mulher propagado era a que não criticasse e que evitasse comentários desfavoráveis (DEL PRIORE, 2014); período em que o baixo nível de educação feminina reafirmava a visão conservadora da sociedade e a distinção entre o homem e a mulher, perpetuando a supremacia masculina; em que o “destino” das mulheres era o casamento e a maternidade; em que poucas mulheres circulavam em espaços predominantemente masculinos e que a profissão “melhor vista” pela sociedade foi a docência.

Anita Philipovsky pode ser vista como uma exceção. Contrariou os padrões que esperava-se de uma mulher da sociedade republicana: não se casou; não teve filhos; poetisa, circulando num espaço marcadamente masculino; suas observações revelam a postura de uma mulher crítica.

Partindo de tais considerações e apoiando-se nos pressupostos teóricos do materialismo histórico-dialético, este artigo tem como objetivo identificar as condições materiais que favoreceram a projeção da referida poetisa no campo da literatura.

Utilizou-se como fonte primária, o jornal “Diário dos Campos”, criado em 1907, por Jacob Holzmann. Inicialmente, o jornal existente até os dias atuais, foi denominado “O Progresso”, quando em 1913, seu nome mudou para “Diário dos Campos” (CHAVES, 2011). Os arquivos do jornal podem ser encontrados no acervo da Casa da Memória de Ponta Grossa (PR).

A escritora Anita Philipovsky

Anita Branco Philipovsky nasceu no dia 2 de agosto de 1886, em Ponta Grossa e faleceu em, 30 de março de 1967, na mesma cidade. Filha de Carlos Leopoldo Philipovsky (1846-1915) e de Maria Nascimento Branco Philipovsky (1849-1945), neta de José Joaquim Pereira Branco, dono de terras na região de Ponta Grossa e vereador da cidade de 1857 até seu falecimento (SANTOS, 2002). Carlos Philipovsky nasceu em Viena, estudou engenharia e

Ocupou o cargo de engenheiro da Estrada de Ferro Rainha Elizabeth, sendo mais tarde nomeado chefe do Escritório Central em Budapeste, capital da Hungria, e da Estrada Real do Império da Áustria, até 1872. Foi contratado pelo governo imperial brasileiro para trabalhar como ajudante do engenheiro-chefe da construção da estrada de ferro de Macaé a Campos. Durante a permanência nesse cargo, conheceu o Barão de Capanema, diretor geral dos Telégrafos, sendo convidado pelo mesmo a ocupar o cargo de engenheiro construtor da linha telegráfica de Antonina a Iguape; fora nomeado em 1º de março de 1875, como inspetor de 3ª classe e promovido a 2ª classe em julho do mesmo ano [...]

Durante a construção das estradas de rodagem de São Luiz a Ponta Grossa, foi, em 1º de setembro de 1893, nomeado diretor do serviço de construção da estrada de Ibituva a Guarapuava, cargo que causara sérios danos à sua saúde, sendo então, nomeado ao cargo de inspetor encarregado da seção de Ponta Grossa e Palmas. Em 1880, contraiu matrimônio em Ponta Grossa, com D. Maria Nascimento Branco, aqui fixando residência [...]

Em 1880, hospedara em sua residência, o Imperador D. Pedro II, quando este visitara a Colônia Tavares Bastos, em Ponta Grossa. Em agradecimento à família Philipowski, a Princesa Isabel enviou-lhes uma foto sua, em companhia de Conde D'Eu e seus filhos. Também recebia cartões com mensagens de várias regiões do globo, portanto era um homem conhecido pelo trabalho que exercia (WALDMANN, 2013).

Anita e sua família moravam numa fazenda distante da cidade, o que dificultava que sua educação acontecesse numa escola. A família contratou professores que eram em sua maioria estrangeiros, os quais passaram a residir na fazenda. Esses professores foram responsáveis pelo ensino básico, ensino de alemão e francês, artes, música (cítara) e pintura.

Foi uma filha muito apegada ao pai, que demonstrava ser inteligente e possuidor de grande cultura. Foi o maior incentivador da filha nos estudos, o qual também estimulou a leitura de forma significativa, por meio de uma rica biblioteca que possuía em casa.

Em virtude do falecimento de seu pai, a produção literária da poetisa passou a declinar, quando cessou, em 1945, com a morte de sua mãe. Fugindo “à regra”, manteve-se solteira durante a vida e não teve filhos. Sobre isso, Perrot (2007, p. 46) argumenta que:

Não era simples manter-se na condição de jovem solteira, neste período, com as restrições do corpo e do coração, quase sem liberdade de escolha quanto ao seu futuro, seus projetos amorosos, exposta à sedução, à maternidade indesejada, impedida de procurar o pai da criança. Ápice do “estado da mulher”, o casamento era a condição normal da grande maioria das mulheres [...] O celibato era considerado a situação das desprezadas, “das solteironas”, que seriam boas tias (deixando herança) ou intrigantes temíveis.

Não foi possível identificar se Anita não casou por opção, mas conforme a citação acima, o casamento era o ponto alto da vida de uma mulher.

Nos últimos anos de sua vida recolheu-se em sua residência, passando a prover a vida por meio de bordados e aulas de música. É importante destacar que Anita teve a possibilidade de trabalhar com bordados e aulas de música, devido às condições de educação que sua família proporcionou em sua infância (SANTOS, 2002).

Anita teve como professora de pintura Giovanina Bianchi, que, como ela própria mencionou numa entrevista concedida ao jornalista Raul Gomes, foi uma mulher que circulou no meio literário pontagrossense, colaborando de forma significativa. “Raul Gomes: Das vossas amigas que escrevem qual a que produz mais? Anita Philipovsky: Giovanina Bianchi, que com brilhantismo já colaborou na “Folha Rósea” e tem de sua lavra uma belíssima série de poesias” (O PROGRESSO, ed. 594, 6 ago. 1912).

A poetisa aponta que seu primeiro texto publicado “A legenda do ciúme” foi resultado da influência de sua professora Giovanina Bianchi (ARTES NA WEB, 2018)¹:

Raul Gomes: Há tempo que escreveis?

Anita Philipovsky: Há um ano aproximadamente. Numa dessas noites de inverno, que para nós não tem a boa palestra de intimidade nas cidades se gosa “au coin du feu”; que no campo são monótonas e parecem intermináveis, tornando-se indispensável a cada um qualquer distração para combater o tédio, eu experimentei escrever o meu primeiro conto. E depois escrevia sempre. Mas não daria nunca a publicação os meus modestíssimos escriptos se a isso não me instigasse minha professora de pintura, d. Giovanina Bianchi, à quem dediquei inédita a primeira produção minha que foi publicada – A legenda do ciúme – que os redatores d’ O Progresso tiveram a benevolência de inserir nessa folha acompanhadas de algumas palavras animadoras para

¹ Também conhecida como Gina Bianchi, nasceu na Itália em 1867 e faleceu em Curitiba em 1956. Foi pintora, desenhista, poetisa, escritora e professora. Chega ao Brasil em 1899. Em 1900, casa-se com Edoardo Bianchi, em São Paulo/SP. Colabora com o *Jornal Fanfula* durante muitos anos e obtém vários prêmios literários, embora as artes plásticas sejam predominantes em sua preferência. Aprende a pintar com Ercília Marcori Cecchi, italiana que tinha vindo ao Brasil para decorar a Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Em 1910, os Bianchi mudam-se para Ponta Grossa/PR; Gina e Ercília abrem uma escola de desenho e pintura, freqüentada pelas moças da sociedade local. Quatro anos mais tarde, fixam residência em Curitiba/PR, no Palacete Wolf (atual sede da Fundação Cultural de Curitiba), transferindo a escola para esse endereço. Entre os alunos que ali estudam está o jovem Theodoro De Bona. Gina participa de exposições de arte decorativa, tapeçaria, bordados e pintura, tanto em Curitiba quanto em São Paulo. Na pintura, dedica-se à natureza morta, com especial preferência pelas rosas, daí ser chamada de *Fada das Rosas*. Entre 1928 e 1932 mora na Itália, período em que faz restaurações de capelas, estátuas e estatuetas. Retorna ao Brasil, onde dá continuidade à sua arte.

mim. Confesso, porém, que foi muito receosa que enviei essa composição à redacção; temia, em vista do seu nenhum merecimento, ver o meu envolto n'uma crítica; decerto justa, mas sempre incomoda (O PROGRESSO, 1912f, s/p).

Ao publicar seu conto no “Diário dos Campos”, dedicou-o à Geovanina Bianchi. Nota-se que a poetisa circulou entre pessoas pertencentes à elite pontagrossense e, principalmente, entre mulheres que já faziam parte do meio intelectual da cidade, facilitando a entrada de Anita nesse meio.

Bueno (2010) comenta que no Paraná do final do século XIX e início do XX, houve um entusiasmo literário. A referida autora explica que, em virtude da intensificação da vida social nesse período, ocorreu significativa ampliação cultural que se deu principalmente entre as camadas de posses da sociedade. Aliados à veiculação de ideias críticas sobre as relações sociais e a crescente industrialização, os jornais se expandiram. Vieira (2007 apud Bueno, 2010, p. 65) aponta que a imprensa permitiu a circulação de debates, posicionamento de personagens ilustres e anônimos. Embora a importância das letras tenha aumentado nesse período, a participação das mulheres ainda era rara.

Sobre o meio literário, Philipovsky comenta em entrevista à Raul Gomes:

Raul Gomes: Há em Ponta Grossa um meio literário?

Anita Philipovsky: Creio poder responder afirmativamente. Não constituem esse meio um elevado número de elementos, porém entre eles alguns bastante e merecidamente considerados no mundo intelectual paranaense, e que com educação digna de louvor mantem a folha literária que aqui se publica, e outros, que ainda principiantes, mas que pelo talento e aplicação ao estudo promettem um futuro bastante lisonjeiro para a literatura pontagrossense (O PROGRESSO, 1912f, s/p).

As mulheres cronistas publicavam em periódicos locais, principalmente sobre assuntos considerados femininos, como moda e casamento. Essa foi para as mulheres, uma das entradas no campo literário. Como é o caso da já citada escritora, feminista e educadora Mariana Coelho, a qual iniciou seu trabalho na imprensa escrevendo sobre moda (BUENO, 2010).

Anita Philipovsky, ao contrário de Coelho, não “passou” por uma coluna de “assuntos femininos”, publicou desde o início seus poemas ou crônicas, mas que nada tinham em comum com apontamentos sobre moda ou casamento. A poetisa escrevia sobre sua cidade natal, lugares que passou. Sua produção é construída de “intermitências entre momentos de encantamento e momentos de profunda tristeza” (SANTOS, 2002, p. 41), sendo que os títulos dos seus escritos revelam por si só seus conteúdos: “Paisagem, Flores, A cruz do ermo, Saudade, Rompimento [...]” (p. 41).

Com relação à dedicatórias contidas nos textos das escritoras do período, Bueno (2010) relata que Mariana Coelho manteve uma rede de sociabilidade, a qual permitiu que suas produções fossem publicadas e bem recebidas. Essa rede pode ser vista por meio das dedicatórias. Este hábito de publicar textos dedicados a alguém, era uma prática comum entre os escritores, que funcionava como uma estratégia de divulgação da produção, e ao mesmo tempo era uma forma de manter o vínculo editorial.

Assim como Coelho, Anita também publicou alguns de seus textos com dedicatórias: “Legenda do Ciúme, dedicado à Giovannina Baldisseri Bianchi; Colloquio Intimo, dedicado à Maria da Luz Pupo; Minimo, dedicado ao Sr. Alcídio Ribeiro; A Recompensa, destinado ao sr. Julio Pernetta” (SANTOS, 2002)², dentre outros.

A homenagem do “Diário dos Campos” a seguir, prestada à Anita em virtude de seu aniversário, mostra a estima por parte do jornal e a forte participação da escritora em suas páginas, que, em 1912, publicou seu primeiro texto, que como já mencionado, foi dedicado à sua professora de pintura. É importante destacar que o “Diário dos Campos”, foi um grande influenciador da opinião pública pontagrossense (CHAVES, 2015).

² Retirados dos textos de Anita reunidos no livro Anita Philipovsky: a princesa dos campos.

Figura 1 - Felicitações à Anita Philipovsky



Fonte: DIÁRIO DOS CAMPOS, Ponta Grossa, n. 1698, 2 ago. 1916, s/p.

Com relação à cidade natal de Anita Philipovsky, historicamente, Ponta Grossa-PR, origina-se da tradição tropeira, ou seja, por

[...] estar no caminho das tropas, foi se organizando economicamente pela atividade pastoril, servindo também de passagem de “invernagem” do gado que ia ser vendido na feira de Sorocaba. As fazendas, [...] foram se formando nos Campos Gerais, juntamente com a abertura dos Caminhos, organizando e realizando atividades de subsistência dos Campos Gerais (NASCIMENTO, 2004, p. 19).

A região pontagrossense foi passagem dos tropeiros que saíam do Rio Grande do Sul para vender gado em São Paulo. Fazendas e pequenas povoações foram surgindo gradativamente ao longo do Caminho dos Tropeiros, bem como comerciantes motivados a gerar renda com o suprimento das necessidades dos tropeiros.

O acesso entre uma vila e outra era limitado, fazendo com que a economia natural se sobressaísse. Assim como os homens, as mulheres também integravam a produção da subsistência da família, por meio de “[...] uma indústria doméstica, gerida diretamente pela

mulher do estanceiro, que produzia queijos, lingüiças, conservas, charques, tecidos, rendas, artigos de couro, etc.” (FREITAS, 1980, p. 37).

Segundo Wachowicz (2010, p. 99), no início do século XIX, Ponta Grossa “[...] já estava integrada social, política e econômica aos núcleos que formariam o Paraná. Apesar dessa integração, as populações não latifundiárias dos Campos Gerais eram relativamente pobres”.

Ponta Grossa foi província de Castro até 1823, quando foi elevada a freguesia. Embora tenha adquirido a emancipação de Castro e o título de freguesia, Ponta Grossa dependia juridicamente da referida Comarca que tinha fazendeiros poderosos, cujo poder político estava sob seus comandos, tendo o poder de “[...] eleger, ficavam com a direção da Comarca e Justiça, para os momentos oportunos e entregavam aos suplentes, que eram representados por pontagrossenses; os trabalhos e aborrecimentos officiaes” (NOVAES, 1943, p. 37).

Com o desenvolvimento da população de Ponta Grossa, seus habitantes reivindicavam a separação da Comarca de Castro e a criação de escolas na região. Como não foram atendidos, “[...] os pontagrossenses, [...] se reuniram e fundaram uma escola particular, de duração efêmera” (NOVAES, 1943, p. 37).

Em Ponta Grossa foi significativa a presença de vários grupos étnicos de imigrantes vindos da Europa, que vieram para substituir a mão de obra escrava e pela promessa de receberem terras para ocuparem e administrarem conforme seus interesses. Entretanto,

Ao entrarem no Brasil, assumiam uma dívida com o país, que começava desde o momento em que saíam de sua terra de origem e que deveria ser abatida com o fruto de seu trabalho [...] Os imigrantes eram subvencionados, ou seja, recebiam as terras e nela deveriam plantar, desenvolvê-la, e o lucro líquido no final da colheita era dividido com o proprietário. Os colonos ficavam em desvantagem em razão dos encargos assumidos pela vinda para o nosso país (NASCIMENTO, 2004, p. 33).

Segundo o trecho citado, os imigrantes já chegavam endividados no país, enganados por falsas promessas e em condições precárias de trabalho. Os imigrantes também formavam colônias, que localizavam-se em locais mais distantes do centro da cidade:

Varias colônias, todas de polacos, ficam nas proximidades da cidade (Iguassú, Cachoeira, Canoa, Taquaral e Agua Branca). Os colonos entregam-se principalmente à extracção da hervamate, ao plantio do feijão, centeio, milho, batata doce e paraguaya e mandioca; havendo diversas fabricas de farinha de mandioca e tratando alguns da viticultura e da criação de abelhas, sem empregar, entretanto, os processos hodiernos. A principal exportação de todo o município consiste em herva mate. Mais de 400 mil arrobas deste producto escoam-se pela via fluvial com destino a Coritiba, todo o anno. É a maior fonte de rendas para emperezarios vapores (O PROGRESSO, 1912a, s/p).

Embora o trecho acima relacione-se apenas com colônias de poloneses, imigrantes de outras etnias também estabeleceram-se em Ponta Grossa, como italianos e alemães (dentre outros) (NASCIMENTO, 2004).

No final do século XIX e início do XX, a economia da cidade passou por iniciativas industriais e a imigração produziu um intenso crescimento regional, fortalecida pela produção da erva mate.

Além disso, a estrada de ferro inaugurada em 1907 também foi fator de expansão do comércio e da população. Ponta Grossa estava localizada em uma região estratégica, sendo ponto de encontro entre as principais regiões do Estado. A ferrovia impulsionou a importância da cidade, que passou a ser considerada

[...] o coração do Paraná; incontestavelmente é o centro da sua vida commercial e industrial.

Asseguram-lhe, fatalmente, essas qualidades preponderantes, a posição da cidade, no mappa estadoal, o facto della ser no futuro, o ponto de partida de ramaes ferroviários, ponto obrigatório da parada de trens e ponto do cruzamento de importantes estradas de rodagem de penetração. Para Ponta Grossa, como para um coração humano, convergem dois systemas mais ou menos completos de viação, os quaes, em breve, se notabilizarão pela execução de um plano formidável de desenvolvimento ferroviário (O PROGRESSO, 1912b, s/p).

A ferrovia atraiu a instalação de várias indústrias, ampliando o mercado e a economia da região. Algumas das indústrias e comércio eram: Café Piriquito de Bernardo Johnsecher, Fábrica a vapor de conservas de carnes de José Buchler (O PROGRESSO, 1910, s/p), Fábrica Camponeza de sabão e velas, Frigorífica Pontagrossense de José Buchler, Ferraria Flor dos Campos de José Jacob Buhner, Alfaiataria Ribeiro de Pedro C. Ribero (O PROGRESSO, 1911b, s/p), Ferraria Flor dos Campos de José Jacob Buhner, Alfaiataria Ribeiro de Pedro C. Ribeiro, Relojoaria e Ourivesaria de Guilherme C. Quentel (O PROGRESSO, 1911a, s/p), Cervejaria Adriática de Henrique Thielen, Fábrica de Fogos São Pedro de Pedro Barbosa, Casa de calçados de Gaspar Schwab, *Pharmacia* e Drogaria Central de João M. de Milasch (DIARIO DOS CAMPOS, 1919a, s/p).

Enquanto os homens eram os grandes proprietários das indústrias e comércio, as mulheres anunciavam no jornal seus trabalhos independentes, a fim de conseguirem uma possível clientela: Bianchi e Cecchi anunciavam aulas de pintura no Atelier de Pintura das professoras Bianchi e Cecchi, Amanda Garcia anunciava aula de bordar e costurar, Anna Herzog oferecia seu trabalho de lavagem e engomagem na rua Pitanguy esquina de Santos Dumont, Helena Silipinsky

empalhava cadeiras e móveis de todo e qualquer formato e qualidade na rua Coronel Balduino Taques, a modista Donna Zenny aprontava-se com prontidão chapéus para senhoras e meninas num sistema moderno, assim como, reformava e renovava chapéus usados (O PROGRESSO, 1910, s/p).

Com o avanço do capitalismo no país, as mulheres das camadas médias e proletárias são solicitadas a suprir de forma barata as necessidades do mercado. Trindade (1996, p. 263) comenta que é interessante notar nessa época:

O grau de autonomia alcançado pelas mulheres em vários campos de trabalho em que pese sua situação por vezes adversa neste contexto. Num momento em que o matrimônio significa a obtenção de um status econômico e social – e os trabalhos manuais e o ensino particular são as únicas oportunidades das solteiras ou viúvas ganharem a vida – os negócios dirigidos por mulheres representam, no mínimo uma certa tomada de posição que o sexo feminino ensaia e a sociedade passa a tolerar.

Mulheres da classe trabalhadora ou viúvas que precisavam prover seu sustento, buscavam trabalhar e garantir meios para sobreviver. As mulheres encontravam-se inclusive solicitando moradia à Prefeitura, conforme os seguintes requerimentos:

Maria Angelina Pinheiro, mulher pobre, sem abrigo, solicita ao prefeito presidente a concessão gratuita de um terreno por carta de data para edificar uma casa de taboas na rua Curityba, Olarias, onde houver devoluto. Atestado de pobreza expedido pela delegacia (ACERVO..., 1909a, s/p).

Maria Joana América viúva, pobre, solicita ao prefeito a concessão de um terreno para edificar uma casa uma casa de madeira a rua dos Operários vizinhando com Michelino de tal onde tiver devoluto para legalizar quando puder. Atestado de pobreza (ACERVO..., 1926, s/p).

Cândida Ferreira Guimarães pobre e cheia de filhos solicita ao presidente e membros da Câmara a concessão gratuita de um terreno por carta de data para edificar uma casa com 7 m com fundos correspondentes sito a rua da Matriz anexo a Placydio Pedrozo (ACERVO..., 1909b, s/p).

Trindade (1996, p. 162) corrobora que “a participação laboriosa da mulher na sociedade republicana deve suas premissas à influência do pensamento liberal, em detrimento do positivista, bem mais avesso às suas incursões nos mercados de trabalho”. Se por um lado o liberalismo proporciona determinada abertura ao mercado de trabalho, existe um conservadorismo que vai contra tais pretensões, embasadas principalmente no pensamento católico e positivista.

Ou seja, embora algumas mulheres estivessem presentes no mercado de trabalho, morassem sozinhas e comandassem suas vidas de forma autônoma, sem depender do marido, a

cultura e as correntes de pensamento vigentes na época difundiam a concepção de que a mulher era destinada ao lar, ao cuidado do marido e dos filhos. Sendo esta, a mulher ideal. Uma vez esposa, esta seria lembrada e mencionada em alguns momentos, tendo como referência o seu marido, e quando solteiras, o pai, como na coluna do “Diário dos Campos”, nomeada “Vida Social”:

Completaram, ante hontem, mais um aniversario natalício, os srs. Alfredo Villela, Octavio S. Carvalho, Manoel Cyrillo Ferreira; a Exma. Sra. D. Generosa de Almeida, e a gentil senhorita Alvina Baêr dilecta filha do Sr. Oscar Baêr” (DIARIO DOS CAMPOS, nº. 2291, 20, jan. 1919). “Acha-se em festa do seu aniversario natalício a Exma. D. Helly Martins de Almeida virtuosa esposa do Sr. Cap Lafayette Manoel de Almeida (DIARIO DOS CAMPOS, 1919b, s/p).

Ou nos anúncios de venda imobiliária: “Vende-se o prédio nº. 1 da Rua Dr. Collares. Preço de ocasião. Tratar com a Viuva Herdag, à rua 15 de Novembro nº. 8” (DIARIO DOS CAMPOS, 1915, s/p).

Assim como Bertha, que foi uma mulher protagonista em seu contexto, que teve uma atuação fora dos padrões esperados para a mulher do período republicano, Anita Philipovsky foi contista, poetisa e cronista, que desenvolveu grande produção intelectual colaborando de forma frequente em numerosos jornais e revistas como: “Ilustração Paranaense”, “Diário dos Campos”, “Prata de Casa”, dentre outros (SANTOS, 2002).

A República noticiando a estada da distincta escriptora na capital, tecem-lhe os mais justos e merecidos elogios. Annita Philipowski não é apenas uma impressionista de superficialidades, como em regra são as escriptoras. Annita Philipowski pensa, philosòpha, e aborda questões sociaes com superioridade de vistas. Nos que lhe acompanhámos os primeiros passos nas collumnas d’O Estado e na phase d’O Progresso nesta folha, temos muito prazer registrando esta noticia, da própria redação d’A Republica, uma terra em que os intellectuaes do interior são quase sempre esquecidos pelos seus super-civilizados colegas da capital (DIARIO DOS CAMPOS, 1921, s/p).

Por meio do trecho acima, é possível reconhecer a visibilidade da escritora, na medida em que o jornal curitibano “A República” noticiou a estada da escritora na capital com posteriores elogios. Ao replicar a notícia, o jornal pontagrossense “Diário dos Campos” vê o fato como algo importante, já que escritores interioranos seriam por vezes esquecidos na capital. Além disso, destaca-se a forma com que Anita era vista, como uma mulher que pensa, filosofa e aborda questões sociais com superioridade.

Ao dizer que Anita abordava questões sociais, além da crítica com relação à educação pontagrossense, outro exemplo de suas reflexões sobre problemáticas sociais, é o que Anita relata

no “Diário dos Campos”, sobre suas impressões com relação a uma visita feita ao quartel do exército de Ponta Grossa, juntamente com as famílias Pirrho e Andrade. O relato da escritora tem início com as seguintes considerações:

Causará por certo estranheza aos leitores desta folha, o facto de uma senhorita occupar-se em descrever a impressão recebida n’uma visita à caserna; não só porque na opinião da maioria do povo o militarismo é uma questão que não deve preocupar o espírito da mulher, mas também por causa da injusta desconsideração que em nosso paiz é tida a classe armada (O PROGRESSO, 1912e, s/p).

Philipovsky aponta que naquele contexto social, as mulheres eram excluídas de assuntos direcionados ao meio militar, uma vez que não precisavam se preocupar com tais questões já que o militarismo ficava a cargo somente de homens. Além disso, expõe a desconsideração da sociedade brasileira com relação à classe armada, que é injusta, segundo ela. “Diz-se geralmente que a vida militar é quase completamente destituída de trabalho, é muito folgada. É um erro. Ide ao quartel e ficareis convencido do contrario” (O PROGRESSO, 1912e, s/p).

Na entrevista concedida a Raul Gomes para o jornal da cidade, em que dialoga sobre o meio literário pontagrossense dos primeiros anos do século XX, ao ser questionada se existem muitas mulheres no referido meio, a poetisa responde que o número feminino de escritoras é muito limitado “as senhoritas pontagrossenses dedicam-se com preferência à música e à pintura, e creio que se pode atribuir esse desamor às letras, à crítica, que essa arte mais que todas as outras esta sujeita” (O PROGRESSO, 1912c, s/p). Dentre as mulheres que fazem parte desse meio, Anita destaca as seguintes: Marianna Duarte, Giovanina Bianchi, Josephina Rodrigues, Cordelia do Amaral, Daluz Pupo, Maria Luiza Xavier e Herminia Cordeiro.

“Daluz Pupo, por exemplo, educada em Ponta Grossa, onde não há meios para se adquirir o preparo preciso para habilitar-nos a expor uma ideia, já tem publicado alguns sonetos bem imaginados” (O PROGRESSO, 1912c, s/p). Anita expõe a falta de instrução em Ponta Grossa, que prepare e dê condições para que as mulheres possam refletir, serem críticas do seu contexto, da sua realidade.

Além de ser crítica de questões sociais, Anita Philipovsky, por meio de seus textos, contribuiu, segundo Santos (2002) com o Movimento Paranista. Dentre suas produções, é possível identificar o viés paranista nos seguintes textos publicados na revista Ilustração Paranaense: “Miguelzinho (n. 12), Tapéra (n.10 e 11), O Tibagy (n. 5), O Velludo (n. 5 e 6), A

alma penada (n. 7)”, além de outros publicados em diferentes periódicos da época (SANTOS, 2002).

Embora Anita tenha feito parte do círculo de escritoras pioneiras do Paraná, sendo bastante respeitada pelo “Diário dos Campos”, expressava-se de forma modesta com relação à sua produção, o que pode ser percebido em sua entrevista à Raul Gomes. Questionada se há talentos prometedores entre as escritoras paranaenses, responde: “A essa pergunta, também, não posso dar uma resposta satisfactoria. Na minha incompetência intellectual e saber limitadíssimo”. Em resposta, Gomes responde: “Competência intellectual e saber razoável, senhorita...” (O PROGRESSO, 1912c, s/p).

Como já mencionado, Anita teve professores contratados para lhe ensinar em casa, devido à distância até a cidade. Sobre a educação em sua cidade ela escreve:

Nós moças de Ponta Grossa, que fontes tivemos e temos para saciar nossa sede de saber? Em uma escola de primeiras letras recebíamos o ensino das matérias elementares, e este mesmo interrompido pelos impedimentos da professora, e nada mais [...]

Quando se abriu o instituto “Dr. João Candido”, em nossa cidade podia estabelecer se também um curso secundário para meninas ensinando com especialidade geografia geral, electricidade, escripturação mercantil, contabilidade, tachigrafia e uma das línguas mais geralmente faladas como a franceza, inglesa ou allemã. Ficariam, com o preparo nessas matérias, habilitadas para ocuparem cargos no correio, telegrapho, telephone, ou como guarda livros e correspondentes commerciaes [...]

Ponta Grossa; porém, a segunda cidade em população e progresso comercial e industrial, já devia ter um estabelecimento de ensino secundário para meninas, que as preparasse para a lucta, pela vida, porque aquella de entre nós que quiser, abandonando a rotina comum, sahir desse circulozinho estreito e opressor, adquirir os meios para se lançar n’uma esfera mais ampla, para levar uma vida menos dependente; enfim, há de recuar vencida entre a importância de ver realizada a sua elevada aspiração na falta de uma escola que lhe daculte para esse fim o saber necessário (O PROGRESSO, 1912d, s/p).

Com tal crítica, Anita entende que o trabalho é uma forma de conquistar uma vida menos dependente. Entretanto, aponta que as meninas tinham acesso apenas ao “elementar”, não contando com um curso secundário na cidade, o qual possibilitasse formá-las para trabalhar no correio, telégrafo, telefone ou como guarda livros e correspondentes comerciais, dando a chance àquelas que desejassem, sair do comum, do círculo estreito e opressor.

Considerações finais

Anita desenvolveu grande produção intelectual entre as décadas de 1910 e 1920, publicando frequentemente em numerosos jornais e revistas paranaenses como: “Ilustração

Paranaense”, *Diário dos Campos, Prata de Casa*, dentre outros (SANTOS, 2002).

Foi filiada ao Centro Cultural Euclides da Cunha (SANTOS, 2002) fundado em Ponta Grossa, em 1947, por Faris Antônio Salomão Michael. O referido centro “reunia intelectuais pontagrossenses que discutiam assuntos pertinentes à cultura e aos valores da sociedade. Desenvolviam a literatura, a ciência, as artes e buscavam uma troca de ideias com o resto do país e as Américas” (AUGSTEN; SILVA, 2008, p. 6). Revelando que Anita circulou entre grandes intelectuais pontagrossenses e discutia sobre vários assuntos, que iam muito além de assuntos ligados ao mundo feminino, como moda ou beleza.

Ficou evidente que o meio que a escritora utilizou para publicar suas produções foi a imprensa. Como mencionado, naquele contexto o jornal foi um grande difusor de debates e posicionamentos.

Embora a maioria dos escritores que publicavam fossem homens, Anita fez parte do grupo das mulheres pioneiras no referido veículo de informação. Foi possível identificar por meio de uma notícia republicada pelo “*Diário dos Campos*”, que a escritora tinha visibilidade na capital paranaense, na medida em que o jornal curitibano “*A Republica*” noticiou sua estada na cidade, com posteriores elogios. Ao replicar a notícia, o jornal pontagrossense viu o fato como algo importante, já que escritores interioranos seriam por vezes esquecidos na capital. Foi reconhecida pelo referido jornal republicano como uma mulher que pensa, filosofa e aborda questões sociais com superioridade.

Durante o período em que publicou, manteve o hábito de dedicar alguns de seus textos para pessoas que faziam parte de seu círculo de sociabilidade. Bueno (2010) argumenta que tal prática pode ser considerada uma estratégia de divulgação da produção, e ao mesmo tempo era uma forma de manter o vínculo editorial.

Embora os moldes da sociedade republicana colocasse “como padrão”, a mulher do lar, do espaço privado, as mulheres da classe proletária ou viúvas, precisavam sair da passividade, em busca de trabalho para prover seu sustento. Inclusive, faziam tentativas de conseguir moradia com a prefeitura.

Philipovsky defendeu que as mulheres poderiam alcançar a “autonomia”, ou seja, poderiam ser menos dependentes por meio do trabalho, que não só o magistério. Entretanto, existiram as próprias mulheres que “eram fruto de seu tempo”, e defendiam que sua função social era a mulher mãe e esposa.

Assim, constatou-se que Anita Philipovsky pode ser compreendida como uma exceção, entre as mulheres de seu tempo, não excluindo também outras mulheres que marcaram nesse contexto, como por exemplo, Mariana Coelho e Giovanina Bianchi, na medida em que contrariou os padrões que esperava-se de uma mulher da sociedade republicana: não se casou; não teve filhos; poetisa, circulando num espaço marcadamente masculino; suas observações revelam a postura de uma mulher crítica.

Desse modo, a pesquisa revelou que alguns fatores contribuíram para isso. O pai de Anita foi um engenheiro contratado para trabalhar no Brasil, sendo reconhecido pelo trabalho que exercia. Era um homem que demonstrava inteligência e possuidor de grande cultura, sendo seu maior incentivador nos estudos e na leitura por meio da rica biblioteca que possuía em casa.

Seu avô foi vereador de Ponta Grossa e dono de terras na região. Sendo filha de um engenheiro, homem que teve condições materiais favoráveis para completar sua formação num ensino superior e neta de um homem de posses e que circulou entre o meio político pontagrossense, o que significa que era de uma família reconhecida na cidade.

Sendo o ser humano sujeito histórico e social, suas ideias, sua consciência, estão diretamente ligadas com a atividade material, como compreendiam Marx e Engels (2007, p. 94) “são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas”.

Ou seja, o círculo social em que a família de Anita vivia favoreceu o contato com pessoas cultas e influentes no meio literário. E também à concretizar seus estudos em casa. Importante destacar que em sua idade escolar (obrigatório para meninas de 7 a 12 anos, segundo o Decreto n. 93 de 1901) excetuava-se da obrigatoriedade do ensino, crianças que residissem à distância da escola pública, maior de dois Quilômetros para meninos e de um para meninas Decreto n. 93, 1901, Art. 23 (PARANÁ, 1901).

A residência da família era distante da cidade, o que dificultava para Anita frequentar alguma escola urbana. Com isso, sua família contratou professores que eram em sua maioria estrangeiros, os quais passaram a residir na fazenda. Esses professores foram responsáveis pelo ensino básico, ensino de alemão e francês, artes, música (cítara) e pintura, sendo sua professora de pintura a italiana Giovanina Bianchi, que também circulou no meio literário pontagrossense e foi sua grande incentivadora na publicação de suas produções. O contato com Giovanina revelou-se de extrema importância para que Philipovsky despontasse no meio letrado.

Referências

- ACERVO DE CONCESSÃO DE TERRAS DE PONTA GROSSA. Casa da Memória de Ponta Grossa. Ponta Grossa, PR: Prefeitura de Ponta Grossa. 21 de janeiro de 1909a.
- ACERVO DE CONCESSÃO DE TERRAS DE PONTA GROSSA. Casa da Memória de Ponta Grossa. Ponta Grossa, PR: Prefeitura de Ponta Grossa. 18 de dezembro de 1909b.
- ACERVO DE CONCESSÃO DE TERRAS DE PONTA GROSSA. Casa da Memória de Ponta Grossa. Ponta Grossa, PR: Prefeitura de Ponta Grossa. 26 de fevereiro de 1926.
- ARTES na web. Disponível em:
<http://www.artesnaweb.com.br/index.php?pagina=home&abrir=arte&acervo=448>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- AUGSTEN, P.; SILVA, M. L. B. da. Tapejara – apolítico e independente: porta-voz do primeiro centro cultural de Ponta Grossa. *In: CONGRESSO NACIONAL DA HISTÓRIA DA MÍDIA*, 11., 2008, Niterói. Niterói, RJ. **Anais [...]**. Niterói, RJ: Mídia Alternativa, 2008. p.1-12.
- BUENO, A. P. **Educação e participação política**: a visão de formação feminina de Mariana Coelho (1893-1940). 2010. 124p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.
- CHAVES, N. B. **Entre “preceitos” e “conselhos”**: discursos e práticas de médicos-educadores em Ponta Grossa/PR (1931 – 1953). 2011. 298p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.
- CHAVES, N. B. Os “problemas citadinos” em uma “cidade civilizada”: estratégias discursivas de um intelectual polivalente no jornal Diário dos Campos – Ponta Grossa (década de 1930). *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA UEPG-UNICENTRO*, 2., 2015, Ponta Grossa. Ponta Grossa, PR. **Anais [...]**. Ponta Grossa, PR: UEPG, 2015. p. 1-12.
- DEL PRIORE, M. **Histórias e conversas de mulher**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- DIARIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, ano 9, n. 1508, 4 dez. 1915.
- DIARIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, ano 10, n. 1698, 2 ago. 1916.
- DIARIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, ano 12, n. 2282, 7 jan. 1919a.
- DIARIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, ano 12, n. 2300, 1 fev. 1919b.
- DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, ano 14, n. 2825, 1 jun. 1921.
- FREITAS, D. **O capitalismo pastoril**. Porto Alegre: São Lourenço de Brindes, 1980.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- NASCIMENTO, M. I. M. **A primeira Escola de Professores dos Campos Gerais – PR**. 2004. 223p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.
- NOVAES, P. **A Fundação de Ponta Grossa**. Ponta Grossa, PR: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, Imprensa Pontagrossense, 1943.
- PARANÁ. **Decreto nº 93 de 11 de março de 1901**. Regulamento da Instrução Pública do Estado do Paraná. Leis, Decretos e Regulamentos do Estado do Paraná, 1901. Curitiba: Typ. da Penitenciária do Ahú, 1901.
- PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Loraine Lopes de; MARTINIÁK, Vera Lucia. A escritora Anita Philipovsky: contribuições da literatura para a educação feminina nos Campos Gerais, PR.

O PROGRESSO. Ponta Grossa, ano 3, n. 245, 8 jan. 1910.

O PROGRESSO. Ponta Grossa, ano 4, n. 386, 9 mar. 1911a.

O PROGRESSO. Ponta Grossa, ano 5, n. 440, 22 jul. 1911b.

O PROGRESSO. Ponta Grossa, ano 5, n. 548, 16 abr. 1912a.

O PROGRESSO. Ponta Grossa, ano 6, n. 586, 16. jul. 1912b.

O PROGRESSO. Ponta Grossa, ano 6, n. 594, 6 ago. 1912c.

O PROGRESSO. Ponta Grossa, ano 6, n. 595, 08 ago. 1912d.

O PROGRESSO. Ponta Grossa, ano 6, n. 628, 26 out. 1912e.

O PROGRESSO. Ponta Grossa, ano 6, n. 647, 10 dez 1912f.

SANTOS, L. C. **Anita Philipovsky**: a princesa dos campos. Ponta Grossa: UEPG. 2002.

TRINDADE, E. M. de C. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: UEPG, 2010.

WALDMANN, I. M. **Reconstruindo a História dos Campos Gerais**: biografia de Carlos Leopoldo Philipowski. 2013. Disponível em: <http://isoldemariawaldmann.blogspot.com/2013/03/biografia-de-carlos-leopoldo-philipowski.html> Acesso em: 26 mar. 2018.